

# ***SLOW FOOD*: CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRATAMENTO TEÓRICO E APROXIMAÇÕES À INTERPRETAÇÃO DO TURISMO**

Grazielle Ueno<sup>1</sup>

Vander Valduga<sup>2</sup>

Daniel Hauer Queiroz Telles<sup>3</sup>

**Resumo:** Frente à conveniência de um repensar do turismo, somadas as características de hiperconsumo social e de necessidade de desaceleração, percebe-se no movimento de lentidão uma oportunidade de aprofundamento teórico científico e uma possibilidade de discussão sobre um novo interpretar do fenômeno turístico. Este estudo tem como objetivo apresentar as pesquisas científicas e o tratamento analítico do *Slow Food*, considerado o cerne do movimento lento atualmente propagado em diferentes contextos sociais, dentre eles o turismo. O portfólio de pesquisa foi elaborado a partir de artigos científicos revisado por pares no Portal Periódico Capes, no período de 2010 a 2016, dentro das grandes áreas de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas e das Ciências Humanas. Ainda que receba destaque em diferentes contextos, verificou-se fragilidade no que tange a discussão teórica. Os resultados indicam a possibilidade de aproximação do movimento lento com o fenômeno turístico, principalmente pela valorização das relações humanas, e com o lugar em que é constituído.

**Palavras-chave:** Turismo; *Slow Food*; Interpretação; Relações Humanas.

## **1 Introdução**

Muitos pesquisadores descrevem a evolução histórica do turismo a partir de uma vertente instrumentalizada e aliada aos fatores econômicos de maneira mais efetiva, associando-o aos números de incremento da demanda e o desenvolvimento econômico das empresas de turismo, transportes e hospedagem (Trigo, 1993 e 1998, Rejowski, 1996 e 2002 e Barretto, 2003). Conforme expõe Trigo (1993) a partir de 1960 o turismo explodiu como possibilidade de prazer

---

<sup>1</sup> Bolsista e Mestranda em Turismo pelo PPGTUR – Mestrado em Turismo/UFPR, [grazielle\\_ueno@yahoo.com.br](mailto:grazielle_ueno@yahoo.com.br) <http://lattes.cnpq.br/8183411441492220>

<sup>2</sup> Bacharel em Turismo e Doutor em Geografia. Docente do Mestrado em Turismo da UFPR. Coordenador do grupo de pesquisa do CNPq: Enoturismo, Cultura Alimentar, Patrimônio do Vinho e Desenvolvimento, [vandervalduga@gmail.com](mailto:vandervalduga@gmail.com), <http://lattes.cnpq.br/5983016520685473>

<sup>3</sup> Doutor em Geografia Humana e Professor do Centro de Estudos do Mar - UFPR. [daniel.hqt@gmail.com](mailto:daniel.hqt@gmail.com), <http://lattes.cnpq.br/7169826806390340>

para milhões de pessoas e como fonte de lucros e investimentos com status garantido no mundo das finanças internacionais. É possível afirmar, portanto, que o turismo, em sua origem e evolução possui estreitas relações como capitalismo.

No período denominado por Rejowski (2002) de Novos Cenários, a partir de 1974 o turismo é permeado pelos processos de globalização, de avanço tecnológico, de velocidade e transformação. Verifica-se a ascensão da internacionalização do setor turístico, ocorrendo a configuração de um novo cenário de hiperconcorrência (Rejowski 2002, Beni, 2003, Trigo, 1993 e 1998). Tornando-se o hiperconsumo do turismo realidade, fatores de preocupação com os impactos naturais e sociais, em sentido amplo, formas alternativas de desenvolvimento da atividade passam a permear as discussões acerca do turismo.

Este cenário de críticas do modelo de desenvolvimento, não são específicos ao turismo, foi gradativamente sendo discutido a partir da década de 70 por todo o mundo, até o surgimento e propagação da sustentabilidade. O termo desenvolvimento sustentável foi apresentado no Relatório de *Brundtland*<sup>4</sup> e aponta para a incompatibilidade entre os sistemas de produção e desenvolvimento com os recursos e capacidade de suporte dos ecossistemas.

Demarcando o fim da fase Novos Cenários, Rejowski (2002) traz à luz questões do repensar o turismo, sob o viés da sustentabilidade, conceito apresentado por diferentes autores (OMT 2001; Ruschmann, 1997; Sampaio, 1999; Irving & Azevedo, 2002; Dias 2012) e caracterizado como modelo de desenvolvimento que se mantém em uma área e em uma escala viável pelo maior tempo possível, não degradando ou alterando o meio ambiente de que usufrui, e servindo de base para uma diversificação da economia local e garantindo o desenvolvimento para gerações futuras, isto é, podemos compreender que este período marca um paradoxo da atividade turística.

Além dos pressupostos da sustentabilidade trazidos ao turismo, outro fator importante que compõe a fase de Novos Cenários apresentados por Rejowski (2002), é a indagação do conhecimento na área do turismo. Enquanto o turismo cresceu de maneira exponencial e junto a ele estratégias de administração, marketing, promoção e tecnologias, as questões globais que envolvem o seu entendimento contemplando os preceitos da sustentabilidade, passaram a ser discutidos. De acordo com Ruschmann (1997), mesmo tendo novos horizontes acerca do desenvolvimento do turismo, a partir da sustentabilidade, aspectos ambientais e estudos

---

<sup>4</sup> Relatório desenvolvido e publicado em 1987 pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento das Organizações das Nações Unidas.

científicos de compreensão do fenômeno pouco evoluíram, exigindo esforços científicos na adaptação de novas possibilidades, atendendo a esta realidade.

Frente a necessidade de um repensar na lógica de desenvolvimento e prática do turismo, observa-se nas relações estabelecidas pela sociedade, oportunidades latentes expostas ao olhar científico e que podem fornecer contribuições importantes ao fenômeno.

No conjunto das novas abordagens, desde um ponto de vista científico mais complexo e menos linear em distintos aspectos da vida social, surge a partir dos anos 1980 um movimento de contestação sobre a lógica hegemônica de disseminação de empresas multinacionais. Trata-se de grupos minoritários que incitam a importância de se prover a desaceleração do tempo e novas relações com o espaço. De uma maneira geral, uma antítese do que Harvey (1989) atribui à compressão espaço-tempo.

O insurgente movimento da lentidão tem sua origem no *Slow Food*, postura associativa iniciada, de forma espontânea em Roma, durante uma manifestação liderada pelo jornalista Carlo Petrini contra a instalação de uma rede norte-americana de *fast food*. Em alguns anos, o movimento passou a ser organizado sob a forma de associação internacional. Trabalha a partir de práticas colaborativas centradas na alimentação, discutindo e propondo uma nova práxis às práticas alimentares, estendendo-se à sua ampla cadeia produtiva e contextos geográficos (formas de cultivo e manejo do solo, entre outros aspectos), gerando um movimento supra nacional de rediscussão e desaceleração do processo produtivo (sentido amplo) dos alimentos. De acordo com Petrini (2012) ao reconhecer o alimento como questão crucial e estratégica, o *Slow Food* foi estabelecido para promover padrões alternativos de produção e consumo e, nessa perspectiva, pode ser considerado um multiplicador de práticas que prezam a colaboração e a desaceleração.

Nesse contexto, de novas interpretações do turismo, surge a questão que conduziu a construção deste artigo: os preceitos do *Slow Food* podem contribuir para uma nova interpretação do turismo? Que tratamento conceitual e analítico é dado ao *Slow Food*? Tendo estas questões como ponto de partida, traçou-se como objetivo analisar o uso das abordagens teóricas ao *Slow Food* e sua vinculação com o turismo. O artigo está organizado em três momentos. O primeiro caracteriza-se pelo histórico do *Slow Food*. No segundo momento apresenta-se o *Slow Food*, sua filosofia e estrutura de trabalho. No terceiro momento são analisados usos conceituais do termo, a partir de artigos selecionados.

A pesquisa possui caráter qualitativa e exploratória (Creswell, 2010; Flick, 2009; Veal, 2011) sobre base bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica foi conduzida de maneira sistemática, a partir do termo *Slow Food* pesquisado junto ao sítio eletrônico de busca da produção científica mundial Periódicos Capes<sup>5</sup>, com recorte temporal no período de 2010 a 2016. A pesquisa bibliográfica sistemática teve a pretensão de se aproximar do Estado da Arte<sup>6</sup> do tema, e mesmo sendo realizada em apenas uma base de dados, forneceu subsídios de tratamento teórico do *Slow Food*, movimento cerne para a discussão *slow*. Neste sentido, trata-se de uma abordagem preliminar.

Outras opções metodológicas foram necessárias para a análise do objeto de estudo e criação do conjunto de artigos selecionados para a pesquisa. Apoiada nesta busca primária, o resultado foi refinado retirando do campo de resultados os assuntos relacionados à dieta alimentar, obesidade, nutrição e suplemento alimentar. Só a partir de então se aplicou o filtro de artigos revisados por pares. Importante destacar que se optou ainda por não isolar a busca por bases de dados ou por área do conhecimento, resultando num universo preliminar de 82 artigos científicos.

A partir da análise qualitativa dos artigos, verificou-se que grande parcela desse montante estava diretamente relacionada às Ciências da Saúde, descaracterizando a esfera de interesse para movimento “*slow food*” dessa pesquisa. Isto posto foi necessário submeter à nova delimitação, agora por grande área de conhecimento<sup>7</sup>. Desse modo foram desprezados 53 artigos, redefinindo-

---

<sup>5</sup> Biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil produção científica internacional. Conta com um acervo de cerca de 37 mil títulos com texto completo, 126 bases referenciais, 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. Disponível em: [http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com\\_pcontent&view=pcontent&alias=missao-objetivos&Itemid=102](http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pcontent&view=pcontent&alias=missao-objetivos&Itemid=102) Acesso em: 03/04/2016.

<sup>6</sup> (...) Estado da arte é indispensável na constituição de um campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada. (Romanowski & Ens, 2006)

<sup>7</sup> A classificação das Áreas de Conhecimento é realizada pelo Ministério da Educação com a finalidade de proporcionar as instituições de ensino, pesquisa e inovação uma maneira funcional de organizar e sistematizar informações. As Grandes Áreas do Conhecimento são consideradas aglomeração de diversas áreas de conhecimento, em virtude da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais refletindo contextos sociopolíticos específicos. Atualmente são nove as grades áreas: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Língua Portuguesa e Artes e Multidisciplinar. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao> Acesso em 12/05/2016.

se a análise do objeto de estudo num portfólio composto por 28 artigos analisados, presentes nas grandes áreas das Ciências Sociais Aplicadas e das Ciências Humanas.

A pesquisa documental se deu a partir dos documentos oficiais do *Slow Food Internacional*<sup>8</sup> e disponibilizados para consulta pública no acervo de imprensa da associação.

## **2 *Slow Food* e suas origens**

Numa tentativa de frear a “pressa social”, isto é, o frenesi da aceleração cotidiana do tempo, surge o movimento *slow food* em 1986, sob o comando do jornalista italiano Carlo Petrini a partir da Associação *Arcigola*. Essa Associação foi criada na região do Piemonte, no norte da Itália para promover a cultura gastronômica capaz de combinar o prazer da comida e do vinho, com conhecimento das tradições locais, capacidades e recursos necessários para a produção de produtos que almejam a qualidade (Petrini e Padovani, 2005). *Arcigola* tornou-se um movimento nacional voltado para a defesa e promoção da gastronomia italiana com o objetivo principal de apresentar uma alternativa real à homogeneização alimentar que se ocorria naquele país (Tencati e Zsolnai 2009).

A partir da união de Carlo Petrini e seu grupo de amigos, decidiram ampliar e desenvolver mais a experiência *Arcigola*. Então, em 10 de dezembro de 1989, a Associação Internacional *Slow Food* foi lançada em Paris por 400 membros de 18 países distintos (Petrini e Padovani 2005, p. 97-101).

Com base nessa associação e em seus fundamentos, foram desencadeadas três características essenciais da alimentação, os princípios do alimento bom, limpo e justo, e que são propagados para diferentes esferas da sociedade. Seus direcionamentos motivam a fundamentação dos princípios de lentidão em diferentes contextos, ancorados nos preceitos de sustentabilidade, preservação do patrimônio, pertencimento e outras categorias foram incorporadas, difundidas amplamente pela filosofia *slow*.

### **2.1 Estrutura Organizacional do *Slow Food***

---

<sup>8</sup> Disponível em <http://www.slowfoodinteracional.com> Acesso em 19/05/2016.

Atualmente (2016) o *Slow Food* é uma associação de abrangência mundial, apoiada por seus membros, cerca de 100.000 espalhados em 160 países. Tratando-se de uma associação de base em distintos países e regiões, a participação dos associados é fundamental para sua subsistência. É organizada em seções locais, de grupos autônomos chamadas de convívios que se reúnem regularmente a fim de discutir ações práticas de difusão da filosofia, resgate de ingredientes e receitas, pesquisa de produtos locais e regionais, além de compartilhar e incentivar as relações que se estabelecem. O *Slow Food* trabalha em 4 frentes distintas: a Fundação *Slow Food* para a Biodiversidade, a Fundação Terra Madre, a Universidade de Ciências Gastronômicas e o *Slow Food Youth Networks*.

A Fundação *Slow Food* para a Biodiversidade: fundada em 2003 apóia e financia os projetos voltados para a preservação da biodiversidade e as tradições gastronômicas no mundo. Financia e coordena os projetos internacionais centrados na preservação da biodiversidade: as Fortalezas *Slow Food*, a Arca do Gosto, as Dez Mil Hortas na África e os Mercados da Terra.

As Fortalezas *Slow Food* reúne projetos de valorização e assistência técnica e científica a pequenos produtores. Atualmente existem cerca de 450 Fortalezas assistidas pela Rede em 60 países distintos. A Arca do Gosto, criada em 1986 consiste em um catálogo de alimentos que possuem risco de extinção e que são pertencentes a cultura, a história e as tradições de uma região. O catálogo apresenta-se subdividido em categorias e em 2014 alcançou 2.050 produtos cadastrados e reconhecidos de 83 países diferentes. Dez Mil Hortas na África trata-se de um projeto lançado em 2010 que tem como desafio a criação de hortas junto a escolas, vilarejos e periferia adotando técnicas de compostagem, uso da água, variedades vegetais locais e pesticidas naturais. Em 2014, eram atendidas 1700 hortas em de 30 países africanos.

Mercados da Terra são mercados criados pelos produtores a fim de disponibilizar ao consumidor produtos cultivados e comercializados seguindo a filosofia *Slow Food*. Atualmente são 41 mercados em 12 países distintos. A Fundação Terra Madre, criada em 2004 pode ser denominada como rede de comunidades do alimento. Reúne, além de produtores, acadêmicos, cozinheiros aliados em estabelecer um sistema de base de alimentos dentro dos preceitos do *Slow Food* de bom, limpo e justo (Petrini 2009, p. 22).

A Universidade de Ciências Gastronômicas (UNISG) surgiu em 2004 com o objetivo de criar um centro de pesquisa e educação internacional para aqueles que trabalham na renovação

de métodos agrícolas, na proteção da biodiversidade a fim de construir uma relação orgânica entre a gastronomia e a ciência agrícola. A universidade recebeu cerca de 2000 alunos de todo o mundo, para discutir de maneira científica um novo conceito de gastronomia com a oferta de cursos de graduação, especialização e mestrado.

A *Slow Food Youth Network (SFYN)*, também conhecida como Rede Jovem trabalha especificamente com o público jovem, compartilhando a filosofia do bom, limpo e justo.

Com o passar do tempo outros segmentos passaram a partilhar das mesmas convicções, do *Slow Food*, gerando a partir de seus princípios diferentes ramificações *slow*. Segundo Carp (2012) o movimento *slow* consiste numa proposta de ver respostas transformadoras à velocidade da vida cotidiana, onde em sua configuração mais ampla inclui: bibliotecas, escolas, leitura, turismo, gastronomia, ciência entre tantos outros codinomes a medida que ganha adeptos que partilham da mesma filosofia, nas mais diferentes áreas.

### **3 Análise das pesquisas com o tema *Slow Food***

O portfólio de análise foi desenvolvido a partir do problema de pesquisa e foram definidas três perspectivas a serem analisadas. A primeira diz respeito aos anos de publicação tendo o portfólio levantado os artigos publicados nos últimos 6 anos. Este levantamento teve a intenção de verificar a evolução das publicações no período. Mesmo considerando a capilaridade da base de dados escolhida, é necessário destacar a relevância do tema para outras áreas de conhecimento, incluindo a Ciência da Saúde, o que demandaria de pesquisas aprofundadas incluindo outras bases de dados e num período mais amplo. A segunda análise foi desenvolvida relacionando os artigos à grande área de conhecimento das Ciências Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas a fim de identificar o campo da ciência que mostrou maior interesse pelo *Slow Food*. A terceira e última perspectiva de análise se deu para verificar o interesse específico da área do Turismo e quais são os principais conceitos teóricos trabalhados pela área, que fornecem subsídio para a apresentação e discussão do *Slow Food*.

No Quadro 1, relacionou-se os artigos analisados aos referidos anos de publicação, com a intenção de verificar a periodicidade, bem como perceber a evolução da preocupação científica do tema.

#### **Quadro 1 – Produção analisada por Área de Conhecimento**

	REFERÊNCIA	ANO DE PUBLICAÇÃO	GRANDE ÁREA DE CONHECIMENTO
1	Conroy, A. (2010). <i>Feeling Slow Food: Visceral fieldwork and emphatic research relations in the alternative food movement</i> . <b>Geoforum</b> , 41, 734-742.	2010	Humanas
2	Germov, J., Williams, L., & Freij, M. (2010). <i>Portrayal of the Slow Food movement in the Australian print media conviviality, localism and romanticism</i> . <b>Journal of Sociology</b> , 47 (1), 89-106.	2010	Humanas
3	Sassatelli, R., & Davolio, F. (2010). <i>Consumption, Pleasure and Politics Slow Food and the politico-aesthetic problematization of food</i> . <b>Journal of Consumer Culture</b> , 10 (2), 202-232.	2010	Sociais Aplicadas
4	Anthopoulou, T. (2010). <i>Rural women in local agrofood production: Between entrepreneurial initiatives and family strategies. A case study in Greece</i> . <b>Journal of Rural Studies</b> , 26, 394-403.	2010	Sociais Aplicadas
5	A geographic approach to place and natural resource use in local food systems. Duram, L., & Oberholtzer, L. (2010). A geographic approach to place and natural resource use in local food systems. <b>Renewable Agriculture and Food Systems</b> , 25 (2), 99-108.	2010	Humanas
6	Bonnekessen, B. (2010). <i>Food is good to teach an exploration of the cultural meanings of food</i> . <b>Food Culture &amp; Society</b> , 13 (2) 279-295.	2010	Humanas
7	Kimura, A. (2010). <i>Between technocracy and democracy: An experimental approach to certification of food products by Japanese consumer cooperative women</i> . <b>Journal of Rural Studies</b> , 26, 130-140.	2010	Sociais Aplicadas
8	Crivits, M., Paredis, E., Boulanger, P., Mutombo, E., Bauer, T., & Lefin, A. (2010). <i>Scenarios based on sustainability discourses: Constructing alternative consumption and consumer perspectives</i> . <b>Futures</b> , 42, 1187-1199.	2010	Sociais Aplicadas
9	Bowen, S., & De Master, K. (2011). <i>New rural livelihoods or museums of production? Quality food initiatives in practice</i> . <b>Journal of Rural Studies</b> , 27, 73-82.	2011	Humanas
10	Hojer, M., Gullberg, A., & Pettersson, R. (2011) <i>Backcasting images of the future city – Time and space for sustainable development in Stockholm</i> . <b>Technological Forecasting &amp; Social Change</b> , 78, 819-834.	2011	Sociais Aplicadas
11	DeSoucey, M. (2011). <i>Gastronationalism: Food Traditions and Authenticity Politics in the European Union</i> . <b>American Social Review</b> , 75 (3), 432-455.	2011	Humanas
12	Bingen, J., Sage, J., & Sirieix, L. (2011). <i>Consumer coping strategies: a study of consumers committed to eating local</i> . <b>International Journal of Consumer Studies</b> , 35, 410-419.	2011	Sociais Aplicadas
13	Mkono, M. (2011). <i>The Othering of Food in Touristic Eatertainment: A Netnography</i> . <b>Tourist Studies</b> , 11 (3), 253-270.	2011	Sociais Aplicadas
14	Zhao, W., Ritchie, J., & Echtner, C. (2011) <i>Social Capital and Tourism Entrepreneurship</i> . <b>Annals of Tourism Research</b> , 38 (4), 1570-1593.	2011	Sociais Aplicadas
15	Lorenzini, E., Calzati, V., & Giudici, P. (2011) <i>Territorial Brands for Tourism Development a statistical analysis on the Marche Region</i> . <b>Annals of Tourism Research</b> , 38 (2), 540-560.	2011	Sociais Aplicadas
16	Lorimer, J. (2012) <i>Multinatural geographies for the Anthropocene</i> . <b>Progress in Human Geography</b> , 36 (5), 593-612.	2012	Humanas
17	Tencati, A., & Zsolnai, L. (2012). <i>Collaborative Enterprise and Sustainability: The Case of Slow Food</i> . <b>Journal Business Ethics</b> , 110, 345-354.		Humanas



18	Willis, M., & Schor, J. (2012). <i>Does Changing a Light Bulb Lead to Changing the World? Political Action and the Conscious Consumer</i> . <b>ANNALS, AAPSS</b> , 644, 160-190.	2012	Humanas
19	West, H., & Domingos, N. (2012). <i>Gourmandizing Poverty Food: The Serpa Cheese Slow Food Presidium</i> . <b>Journal of Agrarian Change</b> , 12 (1), 120-143.	2012	Humanas
20	Sebastiani, R., Montagnini, F., & Dalli, D. (2012). <i>Ethical Consumption and New Business Models in the Food Industry. Evidence from the Eataly Case</i> . <b>Journal Business Ethics</b> , 114. 473-488.	2012	Humanas
21	Rezende, D., & Avelar, A. (2012). <i>Factors that influence the consumption of food outside the home in Brazil</i> . <b>International Journal of Consumer Studies</b> , 36, 300-306.	2012	Sociais Aplicadas
22	Smith, J., & Jehlicka, S. (2013). <i>Quiet Sustainability: Fertile lessons from Europe's productive gardeners</i> . <b>Journal of Rural Studies</b> , 32, 148-157.	2013	Humanas
23	Patrignani, N., & Whitehouse, D. (2013). <i>Slow Tech: a quest for good, clean and fair ICT</i> . <b>Journal of Information, Communication and Ethics in Society</b> , 12 (2), 78-92.	2013	Humanas
24	Bucchi, M. (2013). <i>Style in science communication</i> . <b>Public Understanding of Science</b> , 22 (8) 904-915.	2013	Humanas
25	Healy, A. (2014). <i>Eating and ageing: A comparison over time of Italy, Ireland, the United Kingdom and France</i> . <b>International Journal of Comparative Sociology</b> , 55 (5) 379-403.	2014	Humanas
26	Fons, M., & Fraile, M. (2014). <i>Political consumerism and the decline of class politics in Western Europe</i> . <b>International Journal of Comparative Sociology</b> , 54 (5-6) 467-489.	2014	Humanas
27	Lee, K., Scott, N., & Packer, J. (2014). <i>Habitus and food lifestyle: In-destination activity participation of Slow Food members</i> . <b>Annals of Tourism Research</b> , 48, 207-220.	2014	Sociais Aplicadas
28	Wilbur, A. (2014). <i>Back-to-the-house? Gender, domesticity and (dis)empowerment among back-to-the-land migrants in Northern Italy</i> . <b>Journal of Rural Studies</b> , 35, 1-10.	2014	Humanas

Fonte: Elaboração própria (2016) baseado no Portal Periódico Capes.

Mostra-se no Gráfico 01 a evolução das publicações do *Slow Food*, tendo como recorte as Áreas das Ciências Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas no período entre 2010 e 2016. O ano de 2010 foi o ápice de publicações do período analisado chegando a 8 artigos publicados. Gradativamente as publicações foram diminuindo, chegando a zero no ano de 2015 e permanecendo até o mês de Abril de 2016.

Essa análise trouxe alguns questionamentos para reflexão e que requerem pesquisas adicionais, para serem discutidos. Entretanto supõe-se que haja um desinteresse pelo tema por sua baixa representação na esfera mercadológica e uma subsequente fragilidade em relação a sua essência contrária a lógica econômica. É prudente reafirmar a prematuridade do tema e o período de análise, que se resume aos últimos 6 anos, tornando-se fundamental análises mais aprofundadas em outros tempos e escalas espaciais.

Na segunda análise, os artigos foram relacionados às grandes áreas do conhecimento<sup>9</sup>. De acordo com o Quadro 2, observa-se a sobreposição da área das Ciências Humanas sobre as Ciências Sociais.

**Quadro 2 – Grande Área do Conhecimento por Quantidade de Artigos**

Grande Área do Conhecimento	Quantidade de Artigos
Ciências Sociais Aplicadas	11
Ciências Humanas	17

A grande área das Ciências Humanas é composta pelas subáreas: Filosofia, Teologia, Sociologia, Antropologia, Arqueologia, História, Geografia, Psicologia, Educação e Ciência Política. Esta análise evidenciou que os campos de pesquisa científica dessas subáreas denotam maior interesse ao *slow food* em detrimento às subáreas das Ciências Sociais<sup>10</sup>, incluindo o Turismo, evidenciando sua relevância enquanto fenômeno de relação social.

Como ressalta (Germov e Freij, 2010), o *Slow Food* é um tema atraente para a investigação sociológica devido ao seu potencial de impacto sobre os hábitos alimentares e cultura de consumo de forma mais ampla.

Neste sentido, conforme Lipovetsky (1989) as relações impositivas da sociedade, os códigos capitalísticos o tempo e o espaço estão intimamente ligados as subáreas das Ciências Humanas. Na percepção do autor a sociedade está centrada na expansão das suas necessidades e elas se modificam de acordo com o tempo, num processo extremamente dinâmico. Poder-se-ia acrescentar as implicações espaciais nessa dinâmica temporal, de maneira sistêmica, uma vez que tempo e espaço são indissociáveis.

Ao observar os artigos por campo da ciência, percebe-se a superioridade do campo da Sociologia com 9 artigos em detrimento dos demais campos. Em segundo lugar estão a Administração e a Geografia com 5 artigos e na sequência o turismo com 4 artigos. Percebe-se

---

<sup>9</sup> De acordo com a classificação das Áreas de Conhecimento do Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao> Acesso em 12/05/2016.

<sup>10</sup> De acordo com a classificação das Áreas de Conhecimento do Ministério da Educação. São considerados campos das Ciências Sociais: Direito, Administração, Turismo, Economia, Arquitetura e Urbanismo, Desenho Industrial, Planejamento Urbano e Regional, Demografia, Ciência da Informação, Museologia, Comunicação, Serviço Social. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao> Acesso em 10/06/2016.

ainda diversidade nos campos, sendo o tema *Slow Food*, discutido sob diferentes perspectivas, conforme apresentação do Quadro 3.

**Quadro 3 – Quantidade de produção analisada por campo da ciência**

Campo da Ciência	Quantidade de artigos
Sociologia	9
Administração	5
Geografia	5
Turismo	4
Ética	3
Ciência da Informação	1
Economia	1

Fonte: Elaboração própria (2016).

No que se refere ao campo do Turismo, destaca-se a necessidade de ampliar o seu conhecimento. O turismo para Moesch (2000) segue à necessidade de ser discutido ultrapassando o entendimento enquanto função de um sistema econômico e sim enquanto processo sociocultural. Enquanto processo singular necessita de ressignificações às relações impositivas, aos códigos capitalísticos e aos valores colocados como bens culturais.

Neste sentido, Lemos (2002) corrobora sobre a necessidade de se construir um escopo teórico que explique a forma (e a essência) pela qual múltiplos elementos – sejam eles ambientais, históricos, culturais, religiosos, sejam eles técnicos, que mobilizam o deslocamento de pessoas – são metamorfoseados em mercadoria.

É possível perceber o turismo a partir das realizações humanas materiais e abstratas, mesmo considerando que estas realizações estejam sujeitas a se transformar em mercadorias no circuito de valorização do capital e, portanto, constituídas da qualidade de serem úteis e de serem valores de troca. Uma perspectiva de valoração do fenômeno e sua aproximação da realidade cidadina das sociedades que também são influenciadas pelo turismo, ainda que desatreladas aos seus indicadores comerciais.

Frente à necessidade de um repensar do turismo somada as características de hiperconsumo social e de necessidade de desaceleração, percebe-se a partir do *Slow Food* oportunidades de aprofundamento teórico, de um novo interpretar.

No quarto momento da análise, resgatando as perguntas norteadoras e o objetivo de analisar os tratamentos teóricos desprendidos ao *Slow Food*, adotou-se como referência de análise

os padrões de estilo. Essa referência foi desenvolvida por Dann, Nash e Pearce (1988)<sup>11</sup>, apresentados por Rejowski (1996), e utiliza dos procedimentos metodológicos de estudos turísticos para classificar o estilo do artigo em descritivo, base conceitual, modelos ou estatísticos, conforme o Quadro 4.

**Quadro 4 – Produção analisada por Padrão de Estilo**

<b>Padrões de Estilo</b>	<b>Quantidade de Produção analisada</b>
Descritivo: não testam uma hipótese ou não buscam empiricamente validar o propósito de pesquisa.	17
Base conceitual: baseado em trabalhos anteriores e ligados por argumento e lógica de estudos prévios.	8
Modelos: extensão de um modelo para sistematização do comportamento de lazer turístico.	2
Estatísticos: utilizam-se de técnicas de estatística descritiva e inferência de alto nível.	1

Fonte: Elaboração própria (2016) baseado em Rejowski (1996), quanto ao padrão de estilo.

Conforme mostra o Quadro 4, o padrão de estilo com maior representatividade para a amostra de 28 artigos é o descritivo, adotado em 17 artigos. A descrição dos casos exitosos ou mesmo a interpretação do fenômeno a partir dos estudos de caso estão presentes na maioria dos artigos, remetendo à restrições de aprofundamento teórico e de compreensão do fenômeno. Na sequência, em ordem decrescente, está o estilo de base conceitual em 8 artigos. A base conceitual fornece discussão teórica e a partir desse embasamento aproxima-se do fenômeno e promove relação com trabalhos anteriores, ligados por argumentos e lógica de estudos prévios (Rejowski, 1996).

Em 2 artigos foi adotado o estilo modelo, que contém referência ou extensão a partir de um modelo para sistematização, ambos utilizados pelo campo da Sociologia e em apenas 1 artigo foi adotado o estilo estatístico, que utiliza técnicas de estatística descritiva e inferência de alto nível, desenvolvido pelo campo do Turismo. A partir da apresentação do estilo dos artigos, percebe-se ainda certa imaturidade no que tange a discussão teórica do *Slow Food* em detrimento do enfoque descritivo, modelo ou estatístico.

No Quadro 5, apresenta-se os artigos estudados pelo campo do Turismo por padrão de estilo e as principais categorias de análise.

**Quadro 5 – Artigos estudados pelo Turismo por Padrão de Estilo e Categoria de análise**

<b>Artigos estudados pelo campo do Turismo</b>		
<b>Padrão de Estilo</b>	<b>Título</b>	<b>Categoria de Análise</b>

<sup>11</sup> DANN, Graham, NASH, Dennison e PEARCE, Philip. Methodology in tourism research. *Annals of Tourism Research*. Menomonic, 1988, v. 15, nº1, PP. 1-28.

Base Conceitual	<i>Habitus and food lifestyle: In-destination activity participation of Slow Food members</i>	Hábitos Destino Turístico Motivações de Viagem
Descritivo	<i>The Othering of Food in Touristic Eatertainment: a Netnography</i>	Experiência turística Turismo Gastronômico Alteridade
Descritivo	<i>Social Capital and Tourism Entrepreneurship</i>	Empreendedorismo Capital Social Turismo Rural
Estatístico	<i>Territorial Brands for Tourism Development: A statistical analysis on the Marche Region</i>	Marcas Territoriais Desenvolvimento Local Regressão multivariada

Fonte: elaboração própria (2016)

Como referido no quadro 5, as pesquisas no campo do Turismo mostram pouca discussão de cunho teórico, revelando às relações instrumentais da prática motivadas ao entendimento de casos específicos, sugerindo limitações no aprofundamento.

Para Moesch (2000) a tarefa primordial para a atualidade da pesquisa em turismo está justamente em sonhar com novas verdades, classificando como resistência possível: sonhar a partir de reflexões sobre questões não traduzíveis em simples informações operacionais, mas que avancem na perspectiva da ética, da soberania, da diversidade e identidade cultural, da democratização de todos os territórios, da liberdade de opções do dissenso.

Reconhecer a relevância do movimento *slow* é estar aberto a aceitar a possibilidade de um novo comportamento social, que direciona não somente para um comportamento mercadológico da economia neoclássica, mas que fornece indícios para a necessidade de repensar as práticas e condutas, sejam elas em distintas esferas, incluindo a atividade turística e o respeito a diversidade.

#### 4 Considerações Finais

O artigo apresenta a análise qualitativa de um portfólio de 28 artigos científicos tendo como tema o *Slow Food*. A pesquisa preocupou-se em compreender a ordem cronológica e evolução da produção científica, a sua relevância para as grandes áreas de conhecimento e campo de estudo e por fim perceber como o turismo, enquanto campo de estudo, tem apresentado a discussão do tema.

A pesquisa demonstrou que o *Slow Food* apresenta restrita discussão teórica e base conceitual. Os artigos permanecem centrados na divulgação de casos exitosos e no relato de

práticas bem-sucedidas com número expressivo de artigos de padrão de estilo descritivo em detrimento ao de base conceitual. Foi possível verificar que a grande área das Ciências Humanas, em destaque o campo de estudo da Sociologia demonstra significativo interesse pelo tema, sendo ele observado a partir do comportamento social e enquanto fenômeno de contexto atual que emerge da sociedade.

O *Slow Food* vem se configurando como uma importante rede de atuação mundial, em prol do alimento, da biodiversidade e da lentidão. Com a difusão da sua filosofia e da propagação dos seus projetos, demonstra valorização nas relações humanas, respeito a natureza e equilíbrio em diferentes contextos sociais, dentre eles o turismo.

Considerando que o futuro do turismo, deva estar voltado a orientação de um humanismo maior e de interpretações complexas das relações que o cercam (Krippendorf, 2000; Lemos, 2002). É possível, neste sentido, perceber consistência no conceito e filosofia *Slow Food*, que prima em aproximação com equilíbrio, respeito as bases da cultura, da identidade e dos valores locais enquanto elementos fundamentais para o seu desenvolvimento.

## Referências

- Angrosino, M. (2009). **Etnografia e Observação Participante**. Porto Alegre: Artmed.
- Barretto, M. (2003). **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papirus.
- Beni, M. (2003). **Globalização do Turismo**. Sao Paulo: Aleph.
- Carp, J. (2011). The Study of Slow. In: Goldstein, B. **Collaborative Resilience: Moving from Crisis to Opportunity**. MIT Press. Disponível em: [http://geo.appstate.edu/sites/geo.appstate.edu/files/JCarp.The%20Study%20of%20Slow\\_Goldstein%202011.pdf](http://geo.appstate.edu/sites/geo.appstate.edu/files/JCarp.The%20Study%20of%20Slow_Goldstein%202011.pdf). Acesso em 21/04/2016.
- Carp, J. (2012). The Towns Abuzz: Collaborative Opportunities for Environmental Professionals in the Slow City Movement. **Environmental Practice**, n. 14.
- CMMAD (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento). Nosso futuro comum. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.
- Creswell, J. (2010). Seleção de um projeto de pesquisa. In \_\_\_\_\_ . **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Dann, G., Nash, D. & Pearce, P. (1988) Methodology in tourism research. **Annals of Tourism Research**. Menomonie, v. 15, nº1, PP. 1-28.
- Dias, R. (2012). **Turismo sustentável e meio ambiente**. São Paulo: Atlas.
- Flick, U. (2009). **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed.

- Forbes, J. ; Reale Junior, M.; Ferraz Junior, T. (2005) (Orgs). **A invenção do futuro**: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade. Barueri, SP: Manole.
- HARVEY, David. A compressão do tempo-espaço e a condição pós-moderna. In: Harvey, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1989. Cap. 17, p. 257-276.
- Honoré, C. (2012). **Devagar**: como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade. Rio de Janeiro: Record.
- Irving, M. Azevedo, J. (2002). **Turismo**: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura.
- Krippendorf, J. (2000). **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph.
- Lemos, L. (2002). **O valor turístico na economia da sustentabilidade**. São Paulo: Aleph.
- Lipovetsky, G. (1989). **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras.
- Lipovetsky, G. e Charles, S. (2004). **Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla.
- Lipovetsky, G. (2007). **A sociedade da decepção**. Barueri, SP: Manole.
- Lipovetsky, G. (2012). {Entrevista: O papel do consumo na atualidade}. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/10/entrevista-gilles-lipovetsky-aborda-o-papel-do-consumo-na-atualidade.html> Acesso em: 06/04/2016.
- Lipovetsky, G. (2016). **Da leveza** – para uma civilização do ligeiro. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- Moesch, M. (2000). O fazer-saber turístico. In Gastal, S. **Turismo**: 9 propostas para um saber fazer. Porto Alegre: Ed.PUCRS.
- Moesch, M; Gastal, S. (2004). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto.
- Moesch, M. (2004). **Epistemologia Social do Turismo**. Tese (doutorado) da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo: USP.
- Molina, S. **Turismo**: metodologia e planejamento. Bauru, SP, EDUSC, 2005.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (2001). **Introdução ao Turismo**. Amparo Sancho (dir.red.). São Paulo: Roca.
- Petrini, C., & Padovani, G. (2005). **Slow Food revolution**: Da Arcigola a Terra Madre. Una nuova cultura del cibo e della vita. Milan, Italy: Rizzoli.
- Petrini, C. (2012). **Manifesto A centralidade do alimento**. Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/documentos/a-centralidade-do-alimento-carlo-petrini.pdf> Acesso em 02/05/2016.
- Rejowski, M. (1996). **Turismo e pesquisa científica**. Campinas: Papirus.
- Rejowski, M. (2002). Desenvolvimento do turismo moderno. In: Rejowski, M., Yasoshima, J. R., Stigliano, B.V., Silveira, A. S. (Org). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph.
- Romanowski, J., & Ens, R. (2006). As pesquisas denominadas “Estado da Arte” Em Educação. **Diálogo Educacional**, 6, 37-50.

- Ruschmann, D. (1997) **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. Campinas, SP: Papirus.
- Sampaio, C. A. C. (2004) **Desenvolvimento sustentável e turismo**: implicações de um novo estilo de desenvolvimento humano na atividade turística: uma introdução. Blumenau: Edifurb; Florianópolis: Bernúncia.
- Sampaio, C. A. C. (2005) **Turismo como fenômeno humano**: princípios para pensar a socioeconomia. Santa Cruz do Sul: EdUnisc.
- Santos, V.; Caneloro, R. J. (2006) **Trabalhos acadêmicos**: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre: AGE.
- Tencati, A., & Zsolnai, L. (2009). The collaborative enterprise. **Journal of Business Ethics**, 85(3), 367–376.
- Trigo, L. (1993) **Turismo e qualidade**: Tendências contemporâneas. Campinas: Papirus.
- Trigo, L. (1998) **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. Campinas: Papirus.
- Veal, A.J. (2011) **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. Tradução, Gleice Guerra, Mariana Aldrigui. São Paulo: Aleph.
- Walton, J. (2010) Prospects in tourism history: Evolution, state of play and future developments. **Tourism Management**, 30, 783-793.